

24 de novembro de 1949

MEIO DE SEMANA

A ficção ainda não conseguiu atingir esse clima desejado pelos escritores que andam em busca de alguma coisa nova, como qualquer cientista que procura e encontra a solução para o seu problema, no setor de sua especialidade. A arte parece mais fácil que qualquer outra atividade criadora, no sentido de inovar, dar a sensação inesperada, o imprevisto nas suas construções. Entretanto, sendo bem numeroso o exército dos trabalhadores que procuram essa mesma solução pessoal para a sua arte de escrever e oferecer do mundo e da vida um espetáculo diferente, bem poucas tem sido as amostras que mais ou menos conseguiram, ao menos, fixar em parte, alguma face nova do drama universal.

Modernamente, em Joyce vamos encontrar uma primeira tentativa, imensa e fracassada, de abraçar a totalidade das coisas em alguns setores da vida, com o estudo minucioso de todos os planos em que esta se desdobra ao longo do cenário parcial de uma cidade. Em Ulisses o texto parece-nos mais digno de estudo que de elemento inicial do prazer literário, tal a dificuldade, para a nossa consciência habituada ao plano cotidiano, de acompanhar os meandros da vida interior de cada personagem. No juízo crítico de alguns comentadores a obra máxima de Joyce constitui assim um formidável, um maravilhoso fracasso. Acreditamos que Ulisses deve ficar como objeto de estudo, em todo caso será sempre um marco inicial na moderna concepção do romance, mais audaciosa sondagem pelos abismos do inconsciente que apanhado superficial das reações humanas de periferia.

Mas em John dos Passos a maneira de construir o mundo da ficção já muda muito. Ao leitor comum as páginas de Dos Passos já não podem passar indiferentes, tal a atração imprevista que delas se exala, nesse clima de vidas em turbilhão rápido e sempre renovado, entre as construções de uma grande cidade rica de rumores e surpresas, esse clima de vida americana que o escritor fixou em seus livros mais significativos. J.P.Sartre considera a literatura americana de Dos Passos uma grande conquista da ficção moderna sobre as fórmulas e as modas do passado. Talvez em Faulkner também esse veio rico de significação nova para a arte de escrever ficção, constitua uma fonte muito séria. Mesmo que este escritor haja misturado, pelo menos nos dá a sensação disso, misturado à estrutura do romance muito do impulso lírico da criação espontânea.

Sartre teve nessas fontes audaciosas da literatura dos Estado Unidos um ponto de partida capital. Mas é claro, a sua ficção possui a grande originalidade da força interior que ele possui e sabe transmitir. A estrutura da vida e do mundo é que se assemelham nessas ficções. O romance de Sartre extrai das coisas a sua recôndita e misteriosa significação. O romance de Sartre abraça a totalidade das vidas que devem comparecer nas suas páginas, num imenso painel que desafia o tempo entre as coisas, o tempo se escoando idêntico aqui, lá na cidade diferente, mais longe noutro continente, inumerável e imprevisível. O mesmo gesto deste personagem que aqui leva displicente aos lábios o resto de seu cigarro triste, corresponde ao erguer de mãos daquele outro que longe, noutra cidade, começa a falar consigo mesmo num solilóquio de medo diante da guerra que vem vindo, corresponde a outros e outros gestos, a movimentos discordantes na vida do universo, unida no momento lívido da ante-guerra pelo mesmo pensamento secreto. É entre esses gestos que a vida circula e desenvolve o romance. Como Joyce e Dos Passos, uma conquista sobre os métodos do passado, mas ainda uma insuficiência nesse caminho infinito da arte para captar todas as formas da vida.